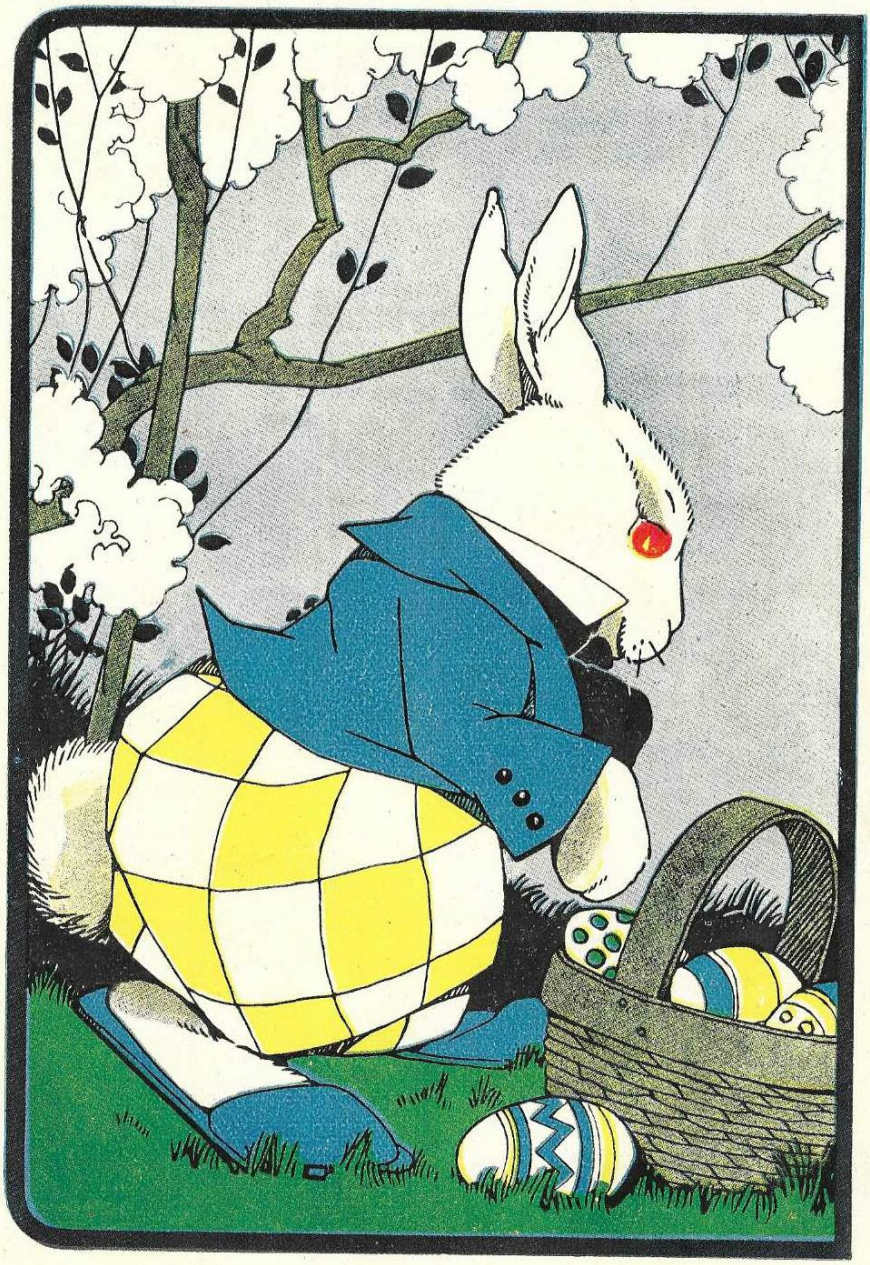
Bem-Te-Vi

ANO XVIII NUM. 3



MARÇO DE 1940

UMA HISTÓRIA MARAVILHOS

Vou hoje contar-lhes a história mais linda que existe. E' simples mas inegualável.

Fala de um homem que foi crucificado por amor a vocês, em seu lugar. Já ouviram falar nele? E' o nosso melhor Amigo, pois outro não há igual.

E' também o nosso Salvador, pois foi quem nos salvou. Vocês sabiam que foram salvos por Êle?

Será que alguém aínda não sabia? Impossível! Sim, nós todos temos um Salvador que pagou a Deus a dívida que lhe deviamos. Resta-nos agora reconhecer que a dívida foi paga, e mostrar a nossa *gratidão.*

Mas quem é que morreu em nosso lugar e mostrou amar-nos tanto?

Gostaria que todos os bem-te-vistas dissessem juntos e bem alto: JESÚS!

Ah! Sim, Jesús! Então é Jesús o nosso melhor Amigo? Sem dúvida.

E êle pagou a Deus a dívida que tinhamos pela desobediência? Pagou.

Como? Com a sua vida.

E Deus a aceitou? Aceitou.

E Êle continua morto?

Ah! Agora é que temos a história maravilhosa de sua ressurreição. E' tão bonita que vou transcrever do Livro Sagrado.

"E, no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro;

E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sôbre ela.

E o seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido branco como neve.

E os guardas, com mêdo dêle, ficaram muito assombrados, e como mortos.

Mas o anjo, respondendo, disse [às] mulheres: "Não tenhais mêdo; [porque] eu sei que buscais a Jesús, que [foi] crucificado.

Êle não está aquí, porque já [res]suscitou, como havia dito. Vinde vêde o lugar onde o Senhor jazia.

Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que êle vai adiante de vós para a Galiléa; ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito.

E, saindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos.

E, indo elas, eis que Jesús lhes saiu ao encontro, dizendo: "Eu vos saúdo". E elas, chegando, abraçaram-lhe os seus pés, e o adoraram.

Então Jesús disse-lhes: Não temais mais; ide dizer a meus irmãos que vão à Galiléa, lá me verão".

* * *

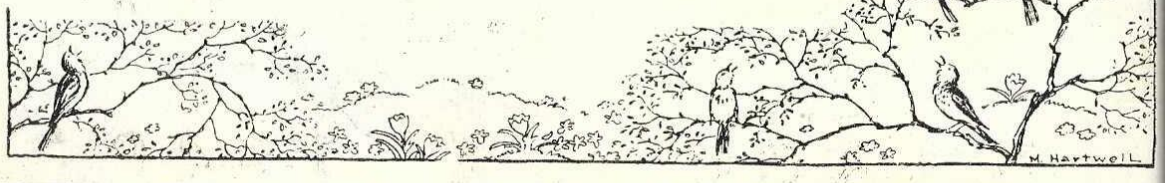
Não é linda mesmo? E pensar que temos um Salvador vivo, que venceu até a morte! Não vale a pena cultivar a amizade com um amigo assim? E vocês, queridos bem-te-vistas, já pensaram em agradecer a Jesús pelo sacrifício que fez e pelo caminho que nos abriu ao céu? E como mostrar a nossa gratidão? Amando-o. *"Se me amais, disse Êle, guardareis o meu mandamento".*

Qual?

O meu mandamento é êste: *Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.*

Palavras sublimes!

Não querem os meus queridos bem-te-vistas amar a Jesús assim?



Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NU . 3

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho • São Paulo, Março de 1940 • Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

Vitorioso afinal

— Olá **bamba!**

Narciso olhou tìmidamente enquanto atravessava a rua, para o grupinho de meninos que voltava da escola. Desejava que o chamassem também de **bamba,** ao invés só lhe diziam: — **O' seu mole! Criança aínda!**

Justamente nisso Daniel o avistou, e gritou logo: **Olá nenézinho, está só?**

Narciso abaixou os olhos mas não respondeu.

— Não fale assim, interveiu Haroldo, mais bem conhecido como **O Bamba.** Não mexam com êle, coitado. Não vêem que tem de andar vestido daquele jeito?

— Oh! Desculpe-me, disse Daniel com ironia aos companheiros que riam.

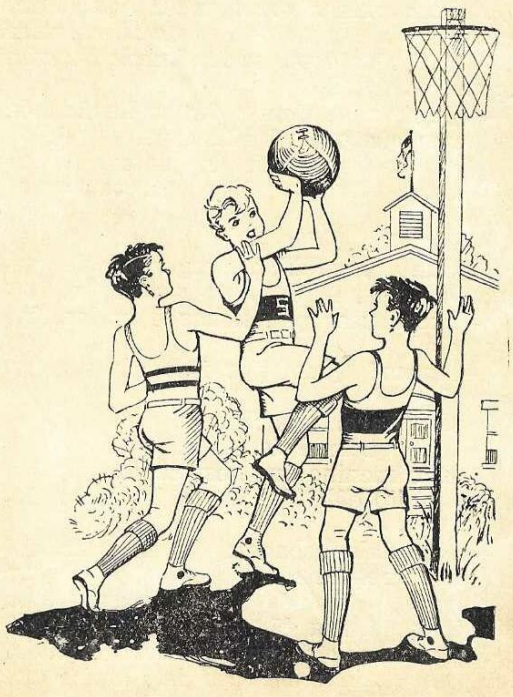
Lágrimas brotaram dos olhos do menino que atravessava a rua mas, aparentanto indiferença à chalaça dos colegas, continuou a passos largos.

Narciso viera de S. Paulo com sua mãe, indo morar em Jaú, num casarão que por anos estivera fechado. Agora a casa sombria se abriu para receber uma senhora, duas empregadas e um menino abatido. A notícia era que o pai de Narciso morreu, deixando apenas aquela casa e uma renda que lhes permitia viver humildemente, vida bem diferente da outra a que estavam acostumados. Narciso, só agora, com 10 anos de idade é que começava a gosar a liberdade que de direito pertence às crianças. Tudo lhe era novo.

Tímido, acanhado e triste pela perda do pai, seu companheiro, Narciso não podia compreender que havia verdadeira amizade a par da brutalidade dos muitos jogos dos escolares; e sua timidez não o encorajava a tomar parte nos brinquedos.

Embora apenas com 10 anos, Narciso foi para a classe dos meninos de 12, e seu adiantamento em algumas matérias, suas roupas cares e maneiras delicadas, o distanciavam dos colegas. Em parte para desabafar é que o chamavam de nenézinho e outros apelidos zombeteiros.

Só o Bamba se compadecia dêle e foi ficando seu amigo, pois ia todos os dias à sua casa, pela manhã e à tarde, entregar o leite. Nestas ocasiões via-o muitas vezes no quintal brincando sòzinho com brinquedos caros; outras vezes sentado na co-



zinha, olhando a cozinheira fazer bolos. O sorriso e o olhar amável com que Narciso o recebia deixaram Haroldo desejoso de que êle também pertencesse ao grupinho.

Uma vez Haroldo o encontrou jogando cestoból e com agilidade admirável encestava a bola.

— Olá, bravo! gritou o **Bamba.** Deixe-me experimentar, e, pondo no chão o balde de leite, tentou uma, duas e três vezes, nada conseguindo.

— Deixe-me experimentar novamente, disse Narciso, acho que foi por acaso.

— Haroldo, vendo Narciso encestar a bola uma após outra, disse:

— Ah! Se eu jogasse assim! Você sabe, nestes quinze dias nossa escola vai jogar com Piracicaba; estou no quadro mas não sei jogar tão bem como você. Os colegas ficariam boquiabertos se me vissem jogar assim!

— Se você quiser, Haroldo, pode vir treinar aquí com minha bola.

— Palavra? Oh! Como você é camarada!

— Ora, isso não é nada, pois ouvi o que você disse hoje quando os outros caçoavam de mim. Por que não gostam de mim, você sabe?

— Porque não o conhecem, respondeu Haroldo prontamente. Pensam que você é muito enjoado por morar numa casa rica e vestir-se bem, disse êle apontando para as meias de lã, camisa e gravata de seda que o menino usava.

— Mas em S. Paulo todos os meninos de minha escola vestiam-se assim e não eramos considerados nenés, disse Narciso. Brincavamos como vocês aquí. Será que os meninos ficariam gostando de mim se eu andasse como você, descalço e com camisa xadrez?

— Como não! Com o tempo haviam de esquecer que você é diferente.

Nessa tarde, depois do jantar, Narciso aproximou-se da mãe que lia na varanda:

— Mamãe...

— Que é, meu filho, perguntou ela, vagamente, sem tirar os olhos do livro.

— Posso usar pantalonas e ir descalço à escola?

— Nunca! Quem pôs isso em sua cabeça?

— Foi Haroldo, o **Bamba.**

— Mas quem é êsse **Bamba?**

— E' o menino que nos traz o leite. Eu gosto muito dêle. Êle é quasi como o Dario.

— Não fale bobagens, meu filho, foi sua única resposta.

Narciso deitou-se muito triste, mas já não se sentia tão só.

Tôdas as tardes quando Haroldo tinha tempo ia treinar em casa de Narciso que o ensinava com tôda a dedicação. Haroldo progredia a olhos vistos, mas aínda não jogava tão bem como seu professorzinho. Na escola nada dissera sôbre seu treino extra, pois queria surpreender o grupinho.

Narciso continuava com sua vestimenta de **nené** ,mas os ditos chistosos só se ouviam uma vez ou outra, graças aos esforços de Haroldo que sempre defendia Narciso e também porque não havia graça em caçoar de quem não respondia nada.

O sábado do grande jôgo chegou afinal. Pais e irmãos, ansiosos, dirigiam-se ao campo. Narciso, de pé no portão de sua casa, via-os passar.

— Aquí, Narciso, chamou Haroldo que por alí passava com sua mãe. Depressa, antes que tomem os melhores assentos.

Mas Narciso preferiu durante o jôgo ficar em casa a ir e ficar sòzinho. Dali a pouco o movimento dos transeuntes cessou e Narciso ouvia apenas os gritos dos torcedores.

Narciso, deixado a sós, enxugou as lágrimas. Meia hora passou — três quartos de hora — uma hora.

E Narciso, de repente, pareceu sonhar. Alguém o chamava pelo nome: **"Narciso. Narciso, Ciso!"**

Alguém corria para êle. Era Daniel — Daniel que tanto caçoara dêle.

— Depressa, gritou Daniel quasi sem fôlego, depressa, precisamos de você para jogar cestoból. Pode?

— Com muito gôsto, gaguejou Narciso.

— Que bom! Então corra e pegue seu chapéu. Temos só 15 m. de descanso.

Sem dizer palavra e sabendo apenas que **precisavam** dêle, Narciso disparou em busca do chapeu e voltou que nem um ráio.

— Você vê, explicou Daniel, enquanto corriam para o campo, o **Bamba** é o chefe do ataque, mas deu máu jeito no pulso e não pode jogar o último tempo. A reserva aínda não apareceu e contamos com você. Haroldo disse que podiamos cha-

má-lo e contou como aprendeu a encestar e que você joga muito melhor que êle. E Haroldo não mente!

— E, continuou, se ganharmos neste jôgo, iremos ao Rio em excursão. Agora, depende de você. Eu fico à direita e você à esquerda. Acha que ganhamos?

Narciso ficou pensativo. Então Daniel continuou:

— Está claro que não o censuro se não conseguirmos a vitória, mas não peço por nós, peço por Jaú.

— O que estiver em mim, eu o farei. Em S. Paulo sempre jogava no ataque.

Assim conversando, chegaram ao campo. Daniel levou-o para dentro e deu-lhe instruções sôbre o jôgo já feito. Estavam empatados. Sabiam que Narciso levava a desvantagem por nunca haver jogado com nenhum quadro de Jaú.

— Faça o melhor que puder, recomendou Daniel.

O juiz apitou e cada um foi colocar-se no seu lugar; ia começar o último tempo.

Haroldo, sentado na primeira fileira, gritava para Narciso enquanto jogava: Olá Narciso! Isso, bamba! Mostre-lhes sua fôrça! Bravo!

Estavam no auge do jôgo. Narciso jogava como nunca; era esperto, leve e parecia estar aquí e alí ao mesmo tempo. Fez uma cesta. Os espectadores bateram palmas. Fez outra. De todos os lados vinham exclamações: **"Bravo, Narciso! Eh! Bamba!"**

Mas Piracicaba fez um goal! Dois goals! Novamente empatados! Mais um minuto e pronto!

— Narciso, gritou Daniel, a vitória depende de você!

Narciso, alerta e entusiasmado, pronto para a bola, respondeu-lhe com a cabeça. E, no momento em que o juiz ia assobiar para terminar o jôgo êle num bonito arremesso ganhava a partida para Jaú.

Houve aclamações e vivas de ensurdecer. Narciso ouviu o seu nome aclamado como nunca imaginara poder ouvir. Para completar sua felicidade só faltava estar presente a mãe para testemunhar seu triunfo. Os do grupinho corriam a carregá-lo.

Que transformação na aparência de Narciso! O rosto, vermelho e sujo, escorria suor. Seu cabelo sempre muito bem penteado, estava todo em desalinho.

— Diga, Narciso, como você consegue acertar?

Era a pergunta que de todos os lados ouvia. E em meio àquele reboliço ouviu a voz de sua mãe:

— Não sabia que tinhamos um herói na família! Muito bem, meu filho. Meus parabens!

Com os olhos a brilhar de orgulho Narciso adiantou-se e mesmo mal arrumado e sujo como estava, deu-lhe um beijo. E todos os meninos que formavam aquele grupinho, cercaram-no e, saudando-o gritaram, chefiados por Daniel e Haroldo:

— Viva Narciso, o Bamba! Viva!

EXPLICAÇÃO

Por um descuido de nossa parte, deixamos de publicar o nome do autor da poesia "A Cozinheirinha" que saiu no último número de fevereiro.

Seu autor é o rev. Guarací Silveira, a quem já pedimos relevar-nos a falta.

O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO I

O CICLONE

Longe, longe daquí, numa fazenda situada num estenso descampado, vivia a pequena Dorita com o tio Henrique e tia Ema. A casa em que moravam era pequenina, porque a madeira para construí-la veiu de muito longe, em carroções.

Era feita só de quatro paredes. Um assoalho e um tecto formavam a sala, onde se viam um fogão enferrujado, um guarda-louças, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O tio Henrique e tia Ema dormiam numa cama grande, a um canto; e Dorita, numa caminha, no outro canto. Na casa não havia sótão nem porão: sòmente um quartinho cavado na terra, chamado porão de ciclone, que servia de abrigo à família, no caso de se levantar um daqueles terriveis redemoinhos capazes de destruir tudo que encontram no caminho! Entrava-se nesse quartinho subterrâneo, levantando um alçapão e descendo por uma escadinha.

Quando Dorita chegava à porta e lançava um olhar ao redor de si, nada via senão as imensas campinas, tristes e pardacentas, que se estendiam em tôdas as direções, a se perderem de vista. Não se via uma só casa ou árvore sequer, naquela planície monótona e chata que parecia encontrar-se com o céu, lá ao longe. O sol crestara as folhas e a terra lavrada tornara-se pardacenta, dura e cheia de fendas. Havia muito tempo que a choupana do tio Henrique fôra pintada, mas o sol queimou a tinta, e a chuva lavou-a tôda, de modo que agora estava desbotata e escura como os arredores.

Quando a tia Ema lá chegou anos atrás, era moça e bonita. O sol e o vento transformaram-na também. Tiraram-lhe o brilho dos olhos e a côr das faces e lábios. Agora estava pálida, magra e nunca sorria. A princípio, quando Dorita, que era órfã, chegou à sua casa, tia Ema se assustava quando ouvia as alegres risadas da criança, e muito se admirava vendo a menina achar motivo para se rir.

O tio Henrique andava sempre triste. Ninguém aínda o tinha visto rir-se. Trabalhava desde manhã até à noite, quieto e mesmo quasi sem falar com as pessoas da casa.

Era Totó que alegrava Dorita, não deixando que ela ficasse triste como tudo que a rodeava. Totó era um cachorrinho preto, de pêlo comprido, sedoso, de olhos negros e vivos, que brilhavam como diamantes, e focinho, curto e engraçado. Dorita e Totó brincavam o dia inteiro.

Mas no dia em que começa a nossa história, não estavam brincando. O tio Henrique sentado na soleira da porta, olhava inquieto para o céu, que se escurecia ràpidamente. Dorita, em pé, ao seu lado, com Totó nos braços, também olhava para o céu. A tia Ema lavava a louça.

Nisso, ouviram um gemido do vento, muito ao longe, vindo do norte, e o tio Henrique e Dorita viram o capim ondular, como prenúncio da tempestade que se aproximava. Em seguida, um rúido agudo, vindo do sul, fê-los volver os olhos para aquela direção, e viram, então, que lá também se formava uma tempestade.

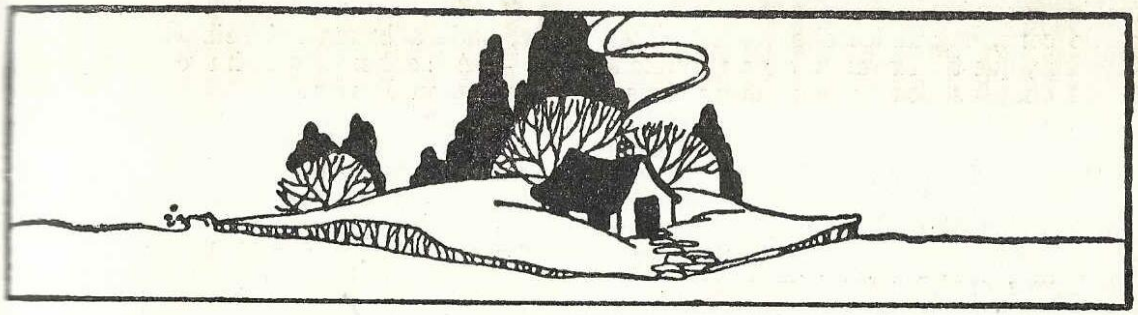
O tio Henrique ergueu-se de um salto.

— Aí vem um ciclone, Ema! gritou êle para a mulher; vou acudir o gado. E correu para o estábulo onde estavam as vacas e os cavalos.

A tia Ema, largando o seu serviço, correu para a porta. Num relance percebeu o perigo que os ameaçava.

— Depressa, Dorita! gritou ela. Corra, corra para o porão!

Totó pulou dos braços de Dorita e escondeu-se debaixo da cama. A menina correu pegá-lo. A tia Ema, muito assustada, abriu o alçapão e desceu pela escada ao quarto pequenino e escuro. Afinal, Dorita conseguiu agarrar o Totó e ia seguir a tia, mas ao atravessar a sala, o vento soltou um úivo terrível e a casa foi tão fortemente abalada, que a menina



perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão. Deu-se, então, um fato extraordinário:

A choupana girou duas ou três vezes sôbre si mesma e elevou-se vagarosamente no ar. Dorita teve a impressão de ir subindo num balão.

O vento do norte e o do sul encontraram-se justamente no ponto onde ficava a casa, que assim se tornou o centro do ciclone. Em geral, o ar no centro do ciclone continua calmo, mas a grande pressão do vento em todos os lados da casa fez com que ela se elevasse até chegar ao extremo do ciclone, onde parou. Aí foi levada por léguas e léguas, com a mesma facilidade com que se carrega uma pena.

A escuridão era completa e o vento zunia dum modo que fazia mêdo, mas Dorita viajava comodamente dentro da sala. A não ser durante os primeiros giros e depois uma outra vez, em que a casa deu um grande solavanco, parecia-lhe estar sendo suavemente embalada, como uma criancinha no berço.

Totó é que não estava satisfeito. Corria de um lado para outro, latindo furiosamente. Dorita, porém, sentadinha no chão, muito quieta, esperava pacientemente o fim daquela viagem aérea.

Uma vez Totó chegou bem na beiradinha do alçapão que estava aberto, e passou pelo buraco. A princípio a menina julgou que ia perder o campanheirinho, mas logo depois viu uma orelha que aínda aparecia acima do buraco. A pressão do ar era tão forte que susteve o cachorrinho, impedindo-o de cair. Dorita, então, arrastou-se até à beirada do buraco, agarrou Totó pela orelha e puxou-o outra vez para dentro da sala, fechando em seguida o alçapão, para evitar maiores desastres.

As horas passavam-se e pouco a pouco Dorita ia recobrando ânimo; sentia-se, no entanto, muito só. Era tal o barulho que o vento fazia, assobiando ao redor da choupana, que a menina quasi ficou surda. Pensou muito no que poderia acontecer quando a casa caísse, mas como o tempo corria sem nada acontecer, foi sossegando e resolveu esperar com calma os acontecimentos. Arrastando-se pelo assoalho, chegou à sua cama e deitou-se. Totó seguiu-a e aconchegou-se a seu lado.

A casa aínda balançava e o vento soprava rijo, mas Dorita fechou os olhos e logo adormeceu.

CAPÍTULO II

Em conferência com os munchilenos.

Na manhã seguinte Dorita acordou com um abalo tão forte e repentino que, se não estivesse deitada na sua macia cama, decerto se teria machucado. Abriu os olhos, assustada, sem compreender o que tinha acontecido. Totó, também tremendo, chegou o focinho frio no rosto da menina e pôs-se a ganir de mêdo. Dorita sentou-se na cama e notou que a casa estava parada e que o dia já ia alto, pois o sol, penetrando pela janela, iluminava tôda a salinha. Contentíssima, pulou da cama e, acompanhada por Totó, correu à porta e abriu-a.

Logo que pôs a cabecinha para fora, deu um grito de espanto. Com os olhos arregalados, ficou imóvel, contemplando, deslumbrada, as maravilhas que a rodeavam.

O ciclone arrastara mansamente a casa para um país maravilhoso. Belos gramados verdes e viçosos, árvores frondosas carregadas de suculentas frutas, erguiam-se em tôdas as direções. Canteiros de lindas flôres matizavam o solo aquí e alí. Pássaros de plumagem rara enchiam os ares com seus cantos maviosos ou esvoaçando, faziam cintilar ao sol as suas penas multicores.

Mais além, um límpido regato corría mansamente por entre as margens verdes. O seu doce murmurio encheu de alegria o coração de Dorita. Nunca vira coisa tão bela!

Aínda admirava, estasiada, os encantos dessa cena, quando viu um grupo de gente, muito exquisita, aproximar-se da casa. Não eram tão altas como as pessoas que estava acostumada a ver; mas também não eram muito pequeninas. Pareciam ter mais ou menos a altura dela.

Eram três homens e uma mulher, todos vestidos de um modo muito interessante.

Traziam chapéus com copas altas, em forma de cone, e grandes abas com franjas de guisos, que tilintavam a cada movimento. Os chapéus dos homens eram azues, e os das mulheres, brancos como o vestido, que era todo sôlto e com grandes pregas que desciam dos ombros. Êsse roupão era ao sol, como brilhantes. Os homens estavam vestidos de azul, do mesmo tom que os chapéus, e calçavam botas de verniz com largos canhões também azues. Na opinião de Dorita, deviam ter a idade do tio Henrique. A mulherzinha era sem dúvida muito mais velha; seu rosto estava todo enrugado, seu cabelo quasi completamente branco e seu andar, bastante trôpego.

À pouca distância da porta da casa de Dorita, os quatro pararam e começaram a cochichar, como se estivessem com mêdo de chegar. Afinal, a velhinha aproximou-se de Dorita, fez uma profunda reverência e disse-lhe numa voz doce:

— Seja bemvinda ao País dos Munchilenos, gentil fadazinha. Viemos agradecer-lhe ter matado a perversa Bruxa de Leste, livrando assim o nosso povo da escravidão.

Dorita ouviu com espanto essas palavras. Por que seria que a velhinha lhe chamava fada e dizia haver ela matado a Bruxa de Leste? Pois, não passava de uma menina inocente que um ciclone levara para longe de sua terra; nunca matara coisa alguma.

A menina, percebendo que a velhinha esperava uma resposta, disse-lhe, com certa hesitação:

— A senhora é muito amável, mas creio estar enganada ,pois não matei ninguém.

— Então foi a sua casa que matou, respondeu a velhinha, rindo-se. E' a mesma coisa. Veja! acrescentou, apontando para o canto da casa. Alí aínda estão os dois pés da Bruxa.

Dorita olhou e deu um grito de susto. De fato, embaixo da grossa trave que sustentava a casa, viam-se dois pés calçados em sapatinhos de prata com as pontas reviradas.

— Oh! Coitada! exclamou Dorita, juntando as mãos, penalizada. A casa caiu em cima dela! E agora?!

— Não se aflija, respondeu-lhe a velhinha com calma.

— Mas quem era ela? perguntou Dorita.

— Era a Bruxa de Leste, de quem já falei. Durante muitos anos, fez os munchilenos seus escravos, obrigando-os a trabalhar dia e noite. Agora, felizmente, estão todos livres e mandam-nos agradecer-lhe o tê-los libertado.

— Quem são os munchilenos? indagou Dorita.

— São os habitantes dêste País de Leste, onde a bruxa má reinava.

— A senhora também é munchilena? perguntou Dorita.

— Não, não sou, mas gosto muito dêste povo. Vivo no País do Norte. Quando os munchilenos viram que a Bruxa de Leste tinha morrido, mandaram imediatamente um mensageiro avisar-me e incontinenti vim com êles. Sou a Fada do Norte.

— Fada?! exclamou Dorita. Mas é uma fada de verdade?

— E por que não? respondeu a velhinha. Sou uma fada boa e todos me estimam. Não sou tão poderosa como a bruxa que reinava aquí; se fôsse, há muito já teria libertado êste povo.

— A senhora conhece muitas fadas e bruxas? tornou a menina, meio assustada por estar falando com uma fada verdadeira.

— Não conheço muitas, não. Em tôda a terra de Oz só havia duas fadas e duas bruxas. O País do Norte e o do Sul são governados por suas fadas boas; o do Leste e o do Oeste, por duas bruxas, mas como você matou uma delas, só ficou uma bruxa em tôda a terra de Oz — a que mora no Oeste.

— Mas... disse Dorita, depois de refletir por um momento, a tia Ema disse-me que tôdas as fadas e bruxas já tinham morrido, há muitos e muitos anos.

— Quem é essa tal tia Ema?

— E' a minha tia, que mora na Terra dos Viventes, de onde vim.

A Fada do Norte, com a cabeça baixa e os olhos fitos no chão, pôs-se a pensar. Finalmente disse:

— Não sei onde fica essa terra; nunca ouvi falar nela. Diga-me, essa terra é civilizada?

— E', sim senhora, respondeu Dorita.

— Ah! E' por isso. Creio que nas terras civilizadas não há mais fadas, nem bruxas e nem mágicos, mas como a Terra de Oz está separada do resto do mundo, nunca foi civilizada. E' por isso que aínda existem fadas e bruxas por aquí.

— Quem são os mágicos? perguntou Dorita?

— Oz, por exemplo, é um grande mágico, respondeu a velhinha, abaixando a voz. E' mais poderoso do que tôdas nós juntas. Mora na Cidade das Esmeraldas.

Dorita ia fazer outra pergunta, mas os munchilenos, que até então assistiam, em silêncio, a essa conversa, soltaram um grito e apontaram para o canto da casa, onde estivera a Bruxa de Leste.

— Que aconteceu? perguntou a velhinha, assustada; porém, olhando na direção indicada, pôs-se a rir.

Os pés da bruxa tinham desaparecido por completo, restando apenas os sapatos de prata.

— Era tão velha, disse a boa Fada do Norte, procurando explicar o caso, que se evaporou, com o sol. Nada mais resta da Bruxa de Leste. Os sapatos de prata ficam para você. Pode usá-los.

Abaixando-se, ergueu os sapatos e, depois de sacudir o pó que havia dentro, entregou-os a Dorita.

— A Bruxa de Leste orgulhava-se de possuir êsses sapatos de prata, disse um dos munchilenos. Êles têm algum poder mágico, mas nunca pudemos descobrir qual era.

Dorita levou os sapatos para o interior da casa e, deixando-os sôbre a mesa, voltou para a porta e disse:

— Eu queria tanto voltar para a Terra dos Viventes, onde moram a minha tia Ema e o meu tio Henrique! Com tôda a certeza estão aflitos sem saber o que foi feito de mim. Sabem qual é o caminho?

Os munchilenos e a fada entreolharam-se, embaraçados, depois voltaram-se para Dorita, sacudindo a cabeça negativamente.

— No Oriente, não longe daquí, disse um, ha um grande deserto que ninguém pode atravessar.

— No Sul há outro igual, disse outro munchileno. Já estive lá, e por isso sei.

— Ouvi dizer, acrescentou o terceiro, que no Oeste também há outro. Além disso, aquele país é habitado pelos vinquianos e governado pela Bruxa do Oeste, que a escravizará, se passar por lá.

— A minha terra fica ao Norte, disse a velhinha, e êsse mesmo deserto que rodeia a Terra de Oz a cerca também. Creio que não há outro remédio senão você ficar aquí e morar conosco.

Ao ouvir essas palavras, Dorita começou a soluçar. Sentia-se muito só entre tôda essa gente estranha. Os bondosos munchilenos, comovidos ao verem as lágrimas da menina, tiraram seus lenços e puseram-se a chorar também. A velhinha, porém, tirou a carapuça, equilibrou-a na ponta do nariz, enquanto contava com voz solene: **um... dois... três...** Imediatamente, o chapéu transformou-se numa lousa, onde se via escrito, com letras graúdas: "Mande Dorita à Cidade das Esmeraldas".

A velhinha tirou a lousa do nariz e, depois de ler o que estava escrito, perguntou:

— Seu nome é Dorita, menina?

— E' sim senhora, respondeu a criança, levantando a cabeça e já enxugando as lágrimas.

— Pois então, você precisa ir à Cidade das Esmeraldas. Talvez Oz possa ajudá-la.

— Onde fica essa cidade? perguntou Dorita.

— Fica exatamente no centro desta terra e é governada por Oz, o grande mágico de quem lhe falei.

— O mágico é um homem bom? indagou a menina, inquieta.

— Sei que é bom mágico, mas se é homem é que não sei, porque nunca o vi.

— Como é que hei de ir a essa cidade? perguntou Dorita.

— Precisará ir a pé. A viagem será bem comprida e penosa. Uma parte do caminho é muito boa, mas a outra é cheia de dificuldades e perigos. Hei de lançar mão de tôdas as artes mágicas que conheço, afim de protegê-la de todo o mal.

— Ah! Então, por favor, venha comigo! implorou a menina que começava a ver na velhinha a sua única amiga.

— Sinto muito, mas não posso, tornou-lhe ela. Todavia, vou beijá-la e ninguém se atreverá a maltratar uma pessoa que tenha recebido o beijo da Fada do Norte.

Chegou-se, então, à Dorita e beijou-a, muito de leve, na testa. No lugar em que seus lábios pousaram surgiu uma redonda e luminosa marca, o que Dorita não tardou a descobrir.

— A estrada que vai à Cidade das Esmeraldas é tôda calçada com ladrilhos amarelos, disse-lhe a boa fada; de maneira que será impossível perder o caminho. Quando se encontrar com Oz, não mostre mêdo, mas, conte-lhe tôda a sua história e peça-lhe que a mande à Terra dos Viventes.

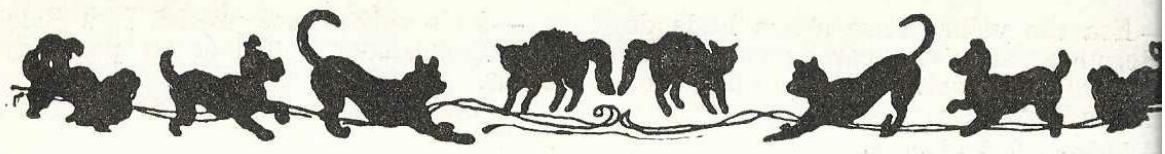
Adeus, minha filha.

Os três munchilenos despediram-se da menina, fazendo profundas reverências e desejando-lhe boa viagem. Em seguida, retiraram-se pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.

A fada fez-lhe um gracioso cumprimento de cabeça, girou três vezes sôbre o calcanhar esquerdo e desapareceu. Totó, muito assustado ao vê-la sumir-se daquele modo, latiu furiosamente. Enquanto a Fada esteve perto, Totó tremia tanto de mêdo que não se atreveu nem mesmo a rosnar.

O mesmo não se deu com Dorita que, sabendo ser ela uma fada, esperava vê-la desaparecer misteriosamente e não se assustou com isso.

(Continua).



QUE FARIAS TU?

POR AMOR AO COMPANHEIRO

— Que está fazendo? perguntou Oscar, vendo Frederico pôr uns ovos no bolso. Você já não mandou à d. Lucila os seis que ela pediu?

— Já, mas você sabe que vai haver um prémio àquele que achar mais ovos, não sabe? E eu, p'ra garantia, já levo seis no bolso e se tiver sorte de encontrar alguns dos que foram escondidos, oh! o prémio será meu.

Assim conversavam os dois meninos na cozinha.

— Que! Você vai fingir que encontrou todos êsses, apenas para ganhar uma caixa de doces de ovos da páscoa?

— Certamente! disse Frederico. Que tem? Pois fui eu que inventei essa esperteza, não acha? Não terei então o direito de usá-la? As pernas mais ágeis são as que ganham corrida.

— Assim é nas corridas, mas êste caso é um pouco diferente, respondeu Oscar, quando iam de caminho para o parque onde d. Lucila, sua professora da E. Dominical, ia oferecer-lhes uma caça aos ovos de páscoa.

— Em que? perguntou Frederico, já impaciente.

— Oh! Não sei. Mas não precisa agastar-se. Refiro-me sòmente... ora, mas você é mais inteligente... em todo o caso, queria lembrar que a Páscoa nos traz à lembrança a vida de Jesús. Poderiamos alegrar-nos com essa lembrança e ao mesmo tempo agir dessa maneira como você quer fazer? Pense bem, se Jesús estivesse ao seu lado, fazendo-lhe companhia, você teria coragem de ganhar um prémio a poder de falsidade? Se você compreendesse o que eu sinto...

— E' ovo de brincadeira! exclamou Frederico. Não tem nada com o caso da páscoa!

— Pior aínda! Só quem está com a conciência dormindo é que tem coragem para fazer brincadeira de tão mau gôsto por ocasião da festa da páscoa, ou mesmo em outras ocasiões. Imagine! Querer enganar!

— Você tem razão, disse Frederico depois de refletir um pouco. Nem sei porque me veio essa idéia. Bem vejo que com a festinha da páscoa e com a brincadeira de procurar ovos, d. Lucila tinha em vista levarmos mais crianças p conhecer a nossa Escola Dominical. L bro-me até que ela falou sôbre as b maneiras. e comportamento como m de atrair as crianças para Jesús. Eu f com Itsu a respeito de nossa festinha bem provável que êle vá.

— Imagine só quantos meninos nc haveriam de querer fazer parte de u escola de velhacos!

As faces de Frederico enrubecer mas ao virar a esquina encontraram c outros colegas que também se dirig ao parque e assim não se falou mais velhacagem que Frederico queria fa

Os ovos já estavam escondidos e o meiro número do programa era procu los. As crianças corriam desordenad procurando aquí e alí, debaixo das folh atrás das pedras, por entre o capim.

Quando d. Lucila achou que já devi ter encontrado todos, chamou-os. Fizer um círculo ao redor dela, pondo cada no chão, diante de si, os ovos que p ajuntar. Todos haviam achado algu menos Itsu, o japonezinho, para quem professora, as crianças e o parque er desconhecidos. Frederico conseguiu d cobrir nove, mas colocava-os no chão c muito vagar, para poder acrescentar ma quando o número mais alto fôsse anunc do.

— Dez, disse d. Lucila. Darcí ach dez ovos. Alguém encontrou mais? não, o prémio será de Darcí.

Frederico, indeciso, levou a mão ao b so. Se pusesse dois ovos, elevaria seu n mero a onze e o prémio seria seu. Per beu o olhar de censura de Oscar. Se que o amigo iria delatar? Não, decid Frederico, Oscar não era mexeriquei Tirou dois bonitos ovos.

— Frederico parece ter uma porçã observou d. Lucila. Quantos, Frederic

— Onze! ia êle dizer, quando se le brou de que diria Jesús se estivesse seu lado. Naturalmente, não iria apr var sua ação.

Frederico ergueu os ombros e olh para d. Lucila que lhe sorriu. Itsu, fa nado, *observava-o admirado*. Frederic vendo-o, desejou ardentemente trazê para a Escola Dominical.

— Quantos? repetiu d. Lucila.

— Se eu contar, pensava êle, todos se levantarão contra mim e Itsu perderá tôda a sua admiração e por certo não quererá mais andar comigo.

Frederico, de pé, sem responder, fazia figura de bobo; todos olhavam para êle. Afinal, levantou-se resoluto e disse:

— Eu tenho nove — ovos honestos—e mais seis com os quais eu pretendia enganar a senhora. Arependido dou os seis a Itsu.

E depositou-os aos pés do japonezinho que se inclinou, profundamente agradecido. O prémio foi para Darcí. Era uma grande caixa de doces da páscoa. Darcí abriu-a e todos se serviram.

Enquanto tagarelando a meninada voltava para casa, Itsu perguntou a Frederico:

— Por que você contou? Que o impeliu a falar?

—Sabe, Itsu, eu mesmo não sei bem. Mas a razão mais forte foi por eu querer convidá-lo a frequentar comigo a Escola Dominical e, agindo falsamente, não teria coragem de insistir que um rapazinho, de olhar tão puro como você, fizesse parte de minha classe. Quer ir comigo no próximo domingo?

Itsu sorriu:

— Com Frederico, Itsu vai a qualquer lugar, respondeu êle porque Frederico é menino de coragem.

A CONVERSA DE IMRI COM O JARDINEIRO

Imri era um menino judeu, robusto e bonito. Sentado no murinho do jardim, conversava com Ebed, o velho jardineiro, que estava plantando lirios.

— Ebed, hoje tenho o resto do dia para mim e posso ajudá-lo um pouco antes de ir visitar titio.

Ebed, ergueu a cabeça. Suas faces já estavam enrugadas e queimadas, mas o olhar, bondoso como sempre.

— Ah! Que bom! Então minhas costas doridas podem descansar um pouco. Já estão alquebradas de tanto ficar arcado. Sei que vou achar muita falta em você, Imri, quando for passar a temporada com o tio.

Ebed e o menino eram muito amigos. Desde pequenino, Imri costumava trepar no murinho do jardim e apreciar o velho trabalhador, sob cujas mãos as plantas e flores pareciam tornar-se mais lindas.

E o bom Ebed estimava profundamente o menino a quem já havia ensinado muitas coisas acêrca das flores, e das árvores. Trabalhavam juntos horas a fio, palestrando como pai e filho. A conversa hoje era sôbre Jesús. Assim falavam enquanto o menino punha as batatas na cova e Ebed as cobria.

— Dizem, Ebed, que Êle fez o cego ver. Também muitos enfermos têm sido curados. Alguns de meus colegas conhecem o coxo que êle curou.

— E Êle nunca fica bravo nem nervoso quando o povo o faz parar, suplicando-lhe compaixão, acrescentou Ebed.

— Eu gosto de ficar pertinho dÊle no templo, continuou o menino. Êle é tão bom e carinhoso que até fico desejoso de ser meigo assim. Sabe, Ebed, eu gosto de Jesús. Porque será que há gente que não gosta dÊle?

— Isso é que não sei, disse o jardineiro tristemente.

No dia seguinte Imri foi à fazenda do tio onde passou meses, mas afinal, de volta para casa, correu ao jardim cumprimentar o amigo velho.

— Ebed, Ebed, já estou aquí.

— Oh! Como você cresceu, menino! disse, estendendo-lhe a mão. Agora, sim, minhas pobres costas vão novamente descansar um pouco!

Os dois sentaram-se numa pedra para conversar. Imri perguntou logo:

— Que é que estão contando de Jesús, Ebed? Quero que me diga tudo o que sabe.

Então o velho Ebed falou: Lembra-se dos lírios que você plantou na véspera de ir? Pois foi quando já estavam abrindo que Jesús passou por aquí, carregando sua cruz para o monte onde seria crucificado. Foi perseguido, maltratado e morto por pessoas que O não compreenderam.

— Isso me falaram, mas disseram também que Êle ressuscitou, que não está mais no túmulo e que muitos já O viram! Como pode ser isso, Ebed?

Ebed pôs a mão calejada nos ombros do menino e depois disse:

— Imri, você compreende como podem estas lindas flores e folhas sair daquelas batatas sêcas que aquí enterramos?

O menino sacudiu a cabeça negativamente.

— Não; sei apenas que Deus lhes dá vida, mas não sei **como.**

Então o velho Ebed, com o rosto brilhando ao sol, disse:

— Deus, o Pai, cuida das flores e cuida de Jesús também. Não sabemos **como** mas sabemos que Jesús está vivo outra vez e continua bom como antes. Êle se alegra porque muitos se tornaram seus amigos.

Imri, abaixando-se para pegar umas folhas que a seus pés cresciam, disse:

— Oh! Deus, Tu és bom. Ajuda-me a ser bom amigo de Jesús.

SECÇÃO DOS

o coelhinho

Era um coelhinho de duas longas orelhas, dois olhinhos vermelhos, um narizinho rosado, uma bôca e quatro pernas. Todo branquinho, desde as orelhas até à pontinha do rabo.

Morava sòzinho na fazenda, numa casinha verde, cercada por todos os lados.

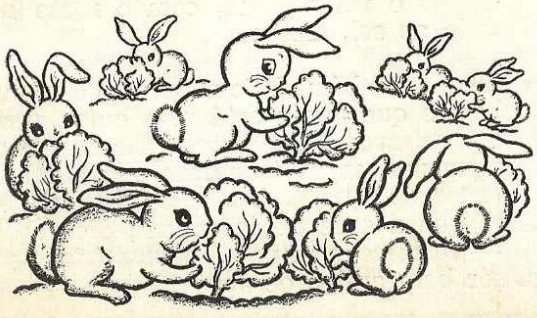
Êste coelhinho sabia fazer grandes coisas: pulava, mexia com as orelhas e com o nariz, por vezes as duas coisas ao mesmo tempo, mas seu desejo era realizar um feito realmente grande.

Todos diziam que a vaca havia praticado. Um dia ela caiu no poço e veiu gente de longe, ajudar o fazendeiro a tirá-la. Mas o coelhinho não achava que isso era um grande feito.

O bezerro também já se havia mostrado, pois, pelo menos, alarmou todos de tanto barulho que fez certo dia em que prendeu a cabeça numa cêrca.

Até o galo fizera uma grande coisa. Trepou no telhado do paiol e depois não tinha coragem de voar. Foi preciso o fazendeiro descê-lo por uma escada, enquanto todos os outros animais o olhavam.

Estas coisas, contudo, pareciam insignificantes e mesmo bobas para o coelhinho. Êle pensava e pensava muito em uma coisa grande.

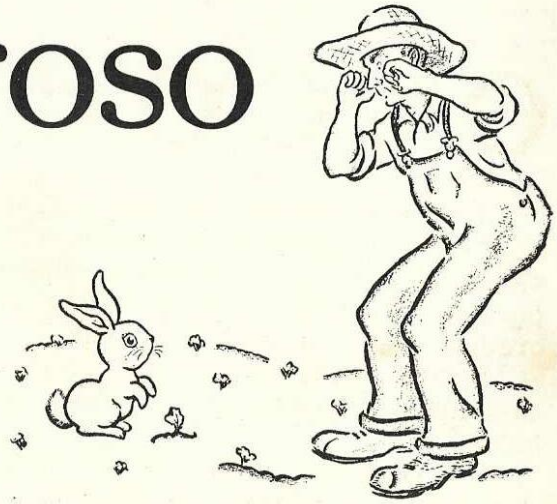


Um dia o fazendeiro se esqueceu de dar-lhe comida.

Tarde da noite o coelhinho acordou, de tanta fome. Ficou furioso. Que fez então? Cavou um buraco por baixo da cêrca e varou, indo direitinho na horta, no canteiro de alface. Sua fome era tanta que comeria tudo. Sentou-se e começou. Êle bem sabia que o fazendeiro havia de ficar danado. Até os coelhos selvagens sabiam disso. Mas o coelhinho achou que a fome o desculparia. Pouco depois ouviu um barulhinho. Era um coelho do mato que vinha também procurar alimento. Cheirando a alface, viu o coelhinho a se fartar e achou que então êle também podia comer um pouco. Sentou-se e se regalou. Não demorou e eis que outro coelho aparece. Ao ver os dois comendo, não perdeu tempo. E apareceu outro e mais outro — outro aínda — coelhos novinhos e já velhos. O canteiro encheu-se de coelhinhos. Cada um comia o mais depressa possível, e comeram e comeram à vontade.

Quando o sol ia nascendo, os coelhinhos céleres, fugiram para o mato. Só restou no canteiro uma única folha de alface, deixada pelo nosso

o assombroso



coelhinho que comia com bons modos, levando assim mais tempo.

Poucos minutos se passaram e aparece o fazendeiro, tocando o cavalo e o arado. Ao dar com o canteiro de alface naquele estado, arregalou os olhos e olhou bem. Seus olhos não o haviam enganado. Só ficara uma folhinha. O resto — era uma vez!

O fazendeiro *devia* ter ficado furioso, mas lembrou-se com pesar que na véspera não havia tratado do coelhinho e apenas ficou muito contrariado e exclamou:

— E' maravilhoso! Maravilhoso! A lição me serviu. O coelhinho comeu todo o canteiro de alface.

E lá se foi êle a contar a todos da fazenda o que o coelhinho havia feito naquela noite.

Homens, mulheres, crianças, cavalos, vacas e porcos, todos olhavam para a horta e diziam:

— E' maravilhoso! Maravilhoso!

Mas o coelhinho nem ousava olhar para êles; entrou para sua casinha, deitou-se e dormiu.

Por dias e dias todo o pessoal e os animais da fazenda vinham admirar o coelhinho, pensando que numa noite, êle sòzinho, havia dado conta do canteiro de alface.

E diziam:

— Não resta dúvida, o coelhinho é maravilhoso.

Todavia êle estava bem certo que nada de extraordinário havia feito, pois, comera apenas uma cabeça de alface, o que qualquer coelho é capaz de fazer.

Foi muito cortês para as visitas, pois para todos êle pulava e mexia com as orelhas alegremente.

Entretanto, quando ficava só, olhava pela cêrca o mundo imenso do outro lado e segredava:

— Aínda hei de um dia fazer alguma coisa realmente extraordinária!

A MESTRA CRISTÃ

"Eu vejo em cada criança a possibilidade de um homem perfeito". — Gladstone.

Por que escolhestes a profissão que ora desempenhais? — (é a pergunta que, de princípio, desejamos fazer aos leitores dêste artigo simples, humilde, despretencioso, mas que foi escrito com o desejo de despertar as conciências das mestras cristãs, de levá-las a pensar mais sèriamente no trabalho que realizam) — Por achá-la fácil? Para satisfazer aos pais? Para alcançar fama? Para fazer fortuna? Para ter um diploma? Para servir ao próximo e à Pátria? Por ser a vossa VOCAÇÃO?

Felizes daquelas que podem, satisfatoriamente, responder à ultima pergunta. Segundo o Apóstolo dos Gentios, nas suas cartas aos Efésios 4:11 e 1.º Coríntios 12:8-10, Deus distribuiu dons, a uns deu o dom de curar, a outros o de prégar, a outros o de ensinar. Ensinar é, portanto, um dom de Deus.

Como a árvore que produz bons frutos e só produz frutos no seu ambiente climaterico assim o trabalho de uma professora não será eficiente se ela não fôr vocacionada para o magistério.

Seguir o magistério é abraçar uma profisão sublime; ser verdadeiramente mestra, no sentido amplo da palavra, é realizar uma obra divina.

Difícil, muito difícil e árduo é, por vezes, o trabalho da professora; ha espinhos no magistério, como os ha em todos os ramos da atividade humana, mas também ha gôzos inefáveis. Se algumas vezes ela se sente desapontada ante o seu esfôrço mal correspondido por parte de alguns alunos, se sofre a ingratidão, também o seu coração transborda de júbilo ao contemplar o progresso e o desenvolvimento das outras crianças. As dificuldades não devem, entretanto, desanimá-la; "quem colher as rosas do êxito, não deve recear os espinhos".

O mundo está cheio de mestres, de guias, de orientadores, mas os povos não gozam a paz, reina a incerteza, a humanidade não se sente tranquila. Não basta, portanto, ser mestre, é necessario ser MESTRE CRISTÃO. Não basta lapidar inteligências, ministrar conhecimentos cientificos, é necessário também desenvolver o físico, cuidando do corpo, e,acima de tudo, inspirar ideais nobres, moral sã, baseada nos salutares princípios cristãos, enfim, desenvolver a vida espiritual. Inteligências fulgurantes, mentes saturadas de grande sabedoria podem constituir um grave perigo para a sociedade. Já na velha Grécia dizia o professor de Temístocles: "Tu não serás medíocre, meu rapaz, causarás grandes danos ou praticarás grandes feitos". Que são os "gangsters"? Grandes inteligências, mentes organizadoras, pessoas dinâmicas às quais falta o espírito cristão. Seriam, por certo, estes, que constituem verdadeiro flagelo para a sociedade, homens de bem, si houvessem sido educados nos princípios de Jesús Cristo.

Impressiona-nos o número elevado de estudantes que pouco ou nada se preocupam com a vida espiritual; não se tornariam êles talvez materialistas, ou indiferentes a qualquer credo religioso, se, a par da cultura intelectual, recebessem a cultura espiritual. Por que as invenções bélicas as quais classificamos de diabólicas, que só trazem a desgraça? Por que as guerras; a situação desesperadora por que passa a humanidade nos nossos dias? Tudo isto porque o CRISTIANISMO não impera no coração dos povos. Cristo, o Mestre dos mestres, prègou a paz e o amor, mas a ambição humana, realçando os princípios evangélicos, coloca os interêsses pessoais, a vaidade e a glória efémeras dêste mundo sôbre o mais alto pedestal e por êles se debate indiferente aos sofrimentos dos povos, ao sacrifício de vidas.

Glorioso trabalho o da mestra — o de formar caracteres cristãos, orientar de tal maneira os alunos que êles venham a se desenvolver no tríplice aspecto: mente corpo e alma, à semelhança de Cristo—"E Jesús crescia em sabedoria, em espírito e em graça diante de Deus e dos homens". Lucas 2:52.

Sublime tarefa a daquela que torna seus alunos cidadãos úteis à família e à pátria e cuja vida é um hino de louvor a Deus.

Dizia o sábio rei de Israel: "Educa a criança no caminho em que deve andar e ainda quando fôr velho não se desviará dêle", Provérbios 22:6. Bem-aventuradas as criancinhas que possuem mães cristãs que as encaminham pelas veredas santas e cujos professores seguem a obra inicia-

da! Quantos adultos devem o que são à influência da mãe ou de uma mestra?! "A mão que embala o berço, é a que governa o mundo" cantou o poeta. A mestra não embala o berço, mas acalenta os sonhos da infância, da adolescência, da juventude; fica, por muito tempo, em contacto com o aluno e exerce, dest'arte, grande influência sôbre a formação intelectual, moral e espiritual dêle. A cultura espiritual que se iniciou no lar deve ser solidificada nos colégios. E', às vezes, a falta de uma mestra cristã capaz de ajudar o moço ou a moça na solução de seus problemas, de orientá-lo, de aconselhá-lo, de fortalecer-lhe a fé, é que o faz afastar-se da Igreja. Mestras, não desmoroneis, pela vossa falta de zêlo para com as cousas espirituais, a obra que, com carinho e amôr, os piedosos pais cristãos vêm esculpindo no coração dos seus filhos queridos, antes, consolidái-a cada vez mais. Se as mães e as mestras têm o privilégio de influir tão fortemente na vida daqueles que são confiados ao seu cuidado, grande, muito grande, portanto, é a responsabilidade delas.

Mães e mestras, tremenda é a vossa responsabilidade, mas divina a vossa missão! Mistér se faz que a mulher se prepare convenientemente para desempenhar com ciência seu papel como mãe e mestra cristã.

Mãe e mestra — ou boa ou má, tôda mãe é mestra e tôda mestra deve amar e se interessar pelos seus discípulos como se fossem seus filhos.

Variadas e grandes são as oportunidades que se apresentam à mestra, como educadora, para a formação moral e espiritual dos seus alunos, quer na aula de Português, sugerindo para composição assuntos de moral elevada, aproveitando a leitura de bons livros, apresentando quadros sugestivos e inspiradores para descrições; quern a aula de Matemática, ensinando-lhes a enfrentarem, com coragem, os problemas difíceis, a serem honestos; ou na aula de História Natural e Geografia a apreciarem a natureza, a contemplarem o belo, a temerem a Deus, a compreenderem a harmonia com que se processam tôdas as leis da natureza; na cadeira de História da Civilização a observarem os erros da humanidade, a evitá-los, a despertar a admiração pelas vidas belas, pelos verdadeiros heróis, os benfeitores da humanidade.

A vós, mestras cristãs, ourives, arquitetas, jardineiras, escultoras por excelência, é confiado o diamante mais precioso para lapidardes: mente, corpo e alma, afim de torná-los de brilho rutilante; o material mais caro para erguerdes o edifício da vida; terreno mais fértil para néle plantardes as sementes das mais raras flôres — as qualidades belas que formarão o carater do aluno, e cujo aroma embriagador perfumará a vereda que êle trilhar; o ouro e o bronze mais puros — o coração e a mente do discípulo para néle burilardes a estátua moral que reflita a beleza de Cristo.

E quais são os caraterísticos necessários a uma professora para que ela cumpra bem o seu ministerio?

. . . . . .
. . . . . .

Como mestre Jesús viveu o que ensinava: amôr, serviço, perdão, justiça. Foi amigo dos seus alunos, para cada um déles tinha amor individual e se interessava pelos problemas pessoais de cada um. Era conselheiro, paciente, meigo, mas enérgico, quando necessário; justo, consagrado ao trabalho, entusiasta, esperançoso. Foi o maior dos psicólogos, o mais eminente dos pedagogos; sabia as necessidades e capacidades dos seus discípulos e ministrava-lhes os conhecimentos de que careciam e à altura da sua compreensão. Tinha personalidade atraente, sabia prender a atenção das multidões, aproveitava tôdas as oportunidades para ensinar; preparou-se até os trinta anos para ensinar apenas três. Até os próprios inimigos, os fariseus, reconheciam em Jesús o mestre por excelência, admiravam-se do seu ensino. Cristo, pela oração, estava sempre em intíma comunhão com o Pai, a fonte de tôda sabedoria e inspiração. Vencia os inimigos pelo amor: procedimento correto e espírito de justiça. Trabalhava por amor ao serviço e não como mercenário, pelas recompensas materiais; não tendo, sequer, onde reclinar a cabeça.

Somos mestra e mestra cristã, compreendemos o trabalho que nos está afeto. Olhando para Cristo sentimo-nos tão pequenina que quasi desistimos de dirigir às colegas as palavras que temos escrito, mas lembramo-nos dêste conselho: "coloca o teu ideal nas estrêlas, aínda que, com muito esfôrço, não atinjas ao meio do caminho". Cristo, o Mestre que temos escolhido por modêlo, está tão altamente colocado que, por mais que nos aperfeiçoemos ficaremos aquém, muito aquém dêle. Devemos nos desanimar? Não. A lua, a rainha da noite, a-pesar-de reflectir uma luz trezentas mil vezes mais fraca que a do sol, é assim mesmo bela, é inspiradora, ilumina a terra. Busquemos, como mestras cristãs, refletir as qualidades do Verdadeiro Mestre, aínda que a nossa luz seja milhões de vezes mais fraca do que a sua.

Mestras, cumprí bem o vosso ministério, estudai a vida de Cristo, aprendei com Êle imitai-O. **(Jurací de Oliveira Costa.**

(De "O Bandeirante Cristão").

A Choupana Mágica

Uma comédia simples e bonita, própria para meninos e meninas.

PERSONAGENS: Joana, Marta, o pastorzinho, a menina que criava galinhas, o príncipe.

A CENA: Em casa de Marta e sua mãe — uma choupana perto da Floresta Real. No centro há um mesa com toalha bem limpinha. Sôbre ela, copos, um prato e uma leiteira. A direita, imitação dum fogão. A esquerd uma porta que dá para fora.

(*Quando a cortina se abre, Marta — uma menina aleijada — está sentada numa cadeira à direita da mesa, lendo um livro de contos. Veste-se com um vestidinho xadrez*).

(*Ouve-se bater na porta; Marta ergue os olhos do livro. Antes de poder falar, entra Joana — mocinha bonita e mais velha que Marta; usa um vestido simples, mas de seda. Traz uma cestinha*).

Joana (*com alegria*) — Bom dia, Marta!

Marta (*mais alegre ainda*) — Oh! Joana, que bom você ter vindo! Estava com tanto mêdo que não viesse.

Joana (*indo à mesa*) — Sinto chegar um pouco atrasada, mas você sabe, não é muito fácil eu escapar. (*Olhando em volta*). Você está sòzinha?

Marta — Estou. Hoje é dia de feira e mamãe foi â cidade bem cedinho com os cestos cheios de frutas.

Joana — Ah! Eu também trouxe uma cestinha (*pondo-a sôbre a mesa*). Trouxe-lhe também um outro livro de histórias (*Entrega-o a Marta*).

Marta — Oh! Muito obrigada! Já lí o outro inteirinho.

Joana — Trouxe também umas bolachinhas e sequilhos. (*Põe no prato*).

Marta — Como você é boa, Joana. Não se esquece da gente.

Joana — Isso não é nada, Marta.

Marta — E' muito. Como eu havia de me sentir só sem você, Joana. Mamãe sempre diz a mesma coisa. Você a tem ajudado tanto a fazer as quitandas que ela vende na feira, e você me vem visitar todos os dias, a-pesar-de eu ser aleijada e não poder brincar como as outras meninas. Tantos favores...

Joana — Mas você é minha amiga, Marta! Minha melhor amiga. Passamos juntas horas felizes. E sua mãe tem sido tão boa para mim, pois me ensinou a cozinhar, costurar e muitas outras coisas que não sabia. (*Olhando em redor*). Agora você me dá licença que vou passar uma vassoura pela casa.

Marta — Mas você está mesmo com vontade?

Joana — Sim, de verdade. (*Pega a vassoura do canto e começa a varrer*). Às vezes me dá vontade de ter uma casinha como esta! Deveria ser divertido eu mesma fazer minha comida, lavar a casa e andar pelo mato à procura de amoras e jaboticabas.

(*Alguém bate na porta*).

Marta — Estão batendo. Mande entrar.

Joana (*em voz alta*) — Pode entrar.

(Entra o príncipe. Usa uma túnica, polainas, cinto prateado e um turbante.

Príncipe — Bom dia. Ser-me-á permitido abrigar-me debaixo dêste telhado e tomar um pouco dágua? Sou o Príncipe Herdeiro.

Joana (com cortesia) — Sua Alteza!

Príncipe — Sinto incomodá-la com...

Joana — Não é incômodo, Sua Alteza. Queira sentar-se e descansar um pouco.

Príncipe — Pois bem, obrigado. Estou mesmo um tanto cansado, andei muito pela Floresta esta manhã.

Marta — Eu sou Marta. Peço-lhe desculpar-me por não fazer os devidos cumprimentos como Joana, porque sou aleijada.

Joana (dirigindo-se à mesa) — Talvez Sua Alteza gostaria de tomar um copo de leite com estas bolachinhas. (*Enche o copo de leite*).

Príncipe — Agradecido. A senhorita é muito atenciosa.

Marta — Joana é boa para tôda gente. Todos os dias ela me faz uma visitinha e sempre me traz brinquedos, livros ou alguma coisa de comer.

Príncipe — Ah! Não são irmãs?

Marta — Infelizmente não.

Joana — Somos amigas. (Passando o prato de sequilhos e a leiteira ao Príncipe) Sirva-se à vontade.

Príncipe — Está mesmo uma delícia! (Enche o copo e tira um sequilho).

Marta — Sua Alteza acaba de caçar na floresta?

Príncipe — Não ; passei por ela, com destino à cidade. Estou visitando todo o meu povo com o fim de escolher uma noiva.

Marta — Noiva !

Joana — Mas eu pensei que...

Marta — Todos dizem...

Joana — Ouvi falar que Sua Alteza deveria casar-se com a Princesa Dorinda.

Príncipe — Assim quer meu pai, mas

Marta — Sua Alteza não deseja então casar-se com uma *Princesa?*

Príncipe — Já encontrei mais do que uma Princesa. São tôdas altivas, frívolas e maldosas. E para minha noiva não desejo moça assim.

Joana — E a princesa Dorinda também é frívola e altiva como as demais ?

Príncipe — Eu imagino, mas não a conheço. O rei, meu pai, foi quem a escolheu e alimenta a esperança de nos ver casados.

Marta — Então Sua Alteza prefere uma do povo à Princesa Dorinda ?

Príncipe — Não me importa ser ela de família real, basta que seja boa, graciosa e altruista.

(*Batem à porta*).

Marta — Outra visita ?

Joana (*indo abrir a porta*) — Faça o favor de entrar.

(*Entra a menina que cria patos e galinhas. Vem descalça e com um vestidinho remendado*)

A menina — Ah ! Joana, se você estivesse aquí !

Joana — Que aconteceu, meu bem ?

A menina — Meus patos escaparam, foram na Floresta e eu não sei o que fazer; aos camponezes não é permitido entrar na Floresta e temo perdê-los.

Joana — Não se aflija, bem, o Príncipe em pessoa está aquí e com certeza dará licença de você ir tocá-los.

(*O Príncipe se levanta*). *A menina* (*inclinando-se cortezmente*) — Oh ! Sua Alteza !

Joana — Viu ?

Príncipe — Você pode ir sim e desejo que encontre todos. Quer que vá ajudá-la ?

A menina — Obrigada, Sua Alteza. Não é preciso. Êles estão perto da cêrca e não será difícil tocá-los. Muito agradecida. (Sai, depois de se inclinar).

Joana (*para a menina*) — Você aceita umas bolachas antes de ir ? (*Oferece-lhe o prato*).

A menina — Hum ! Que gostosura ! Foi você que fez ?

Joana — Fui eu. Estou contente porque você gostou. Até logo.

(A menina sai).

Marta — Foi bom, Joana, você se lembrar de lhe oferecer bolacha, pois em casa ela passa a mandioca.

Príncipe — E' ? Coitada.

(*Ele senta-se novamente*).

Joana — Amanhã vou mesmo fazer mais, Marta, então você dá um prato cheio à menina. Com certeza os irmãozinhos dela hão de gostar também.

(*Alguem que chama: "Joana ! Joana ! Joana !*).

Marta — Alguém está chamando você, Joana. Veja quem é.

Joana — Parece a voz de Leonardo, o pastorzinho.

Príncipe — Outra visita ?

Marta (*rindo*) — Sim... Muitas visitas vem à nossa casa quando Joana está aquí. Ela é tão amável e boa para todos que até já apelidaram nossa casa de "A Choupana Mágica", pois suas maneiras afáveis têm o poder mágico de dissipar as tristezas e aborrecimentos.

Joana (embaraçada) — Ora, Marta, você não deve dizer isso ! (*Vai a porta e olha*). E' o Leonardo mesmo ! Estou aquí, Leonardo Que há ? Você está tão aflito.

(Entra Leonardo, descalço e pobremente vestido. Traz um bordão).

Leonardo — Ah ! Joana, se você me pudesse ajudar ! Estou em apuros.

Joana — Vamos ver. Você parece triste e cansado. Sente-se um pouco. (*Ele senta-se perto da mesa e Joana à esquerda da mesa*).

Leonardo — Faz um mês que estou ajuntando dinheiro para comprar um presentinho à mamãe que faz anos amanhã. Eu ia à feira...

Joana — Você vai à feira agora ?

Leonardo — Agora não adianta mais ir, pois, não sei como, perdí o dinheiro. Perdi tudo o que vinha guardando com tanto cuidado !

Joana — Isso é bem triste, Leonardo. Você já procurou bem ?

Leonardo — Desde cedo, estou procurando pelo caminho por onde passei. Mas está perdido mesmo. E agora, como faço amanhã sem nada para mamãe ?

Joana — Que você pretendia comprar-lhe ?

Leonardo — Pensei num colar. Ela nunca teve.

Joana — Ah ! Então está arranjado. Tenho um muito bonito que ganhei. Leve-o,

Leonardo, e dê a sua mãe. Vai ver como ela o apreciará. (*Isso dizendo tira o colar de seu pescoço e lh'o entrega*).

Leonardo — Oh! Que lindo!

Maria — E' lindo mesmo.

Leonardo — Mas êste é seu, Joana, e eu...

Joana — Não senhor. Já lhe disse que tenho prazer nisso. Guarde-o e tire uns sequilhos, para esquecer o susto. (*Ri enquanto lhe passa o prato*).

Leonardo (*Tirando um*) — Está muito gostoso! Você é boa, não Joana? Tão boa que nem sei agradecer-lhe.

Joana — Ora, Leonardo, mas não há de que.

Leonardo — Eu sabia que como sempre, você havia de me ajudar de qualquer maneira. (*Levanta-se*) Agora vou para casa com o coração alegre.

Joana (*Acompanhando-o até a porta*) — Passe bem, Leonardo.

Leonardo — Passe bem. (*Sai*).

Príncipe (*Levantando-se*) — Eu sempre tencionei casar-me com u'a moça boa, bondosa e delicada. Há muito que a venho procurando — e afinal a encontrei (*Encontra Joana no centro da sala e lhe toma a mão*). E' você, Joana, a minha eleita.

Joana (*espantada*)—Eu? Sua Alteza então prefere casar-se comigo e não com a Princesa Dorinda como deseja seu pai?

Príncipe — Sim, porque tenho a certeza de que a Princesa Dorinda não possue os predicados que em você encontro. Ela é leviana e egoista. (*Marta não póra de rir e o Príncipe dirige-se a ela*). Por que está rindo?

Marta (*apontando para Joana*) — E' porque ela é a Princesa Dorinda!

Joana — Ah! Marta, você não devia ter falado!

Príncipe — E' mesmo? Você é então a Princesa Dorinda? Deveras?

Joana — Sou, sim, é verdade.

Príncipe — Mas... mas como foi que a encontrei varrendo o chão duma humilde choupana?

Joana — Foi assim: — Uma vez minha governante me passou um pito, então eu fugi e me escondi na Floresta Real. Encontrei esta casa e fiquei conhecendo Marta. Já faz muito tempo. Ficamos amigas e desde então eu a visito quasi todos os dias. A mãe dela me ensinou a varrer, cozinhar e costurar. Meu nome, já lhe é conhecido, Dorinda Joana Elisa.

Príncipe—Lembro-me agora, é isso mesmo.

Marta — Então Sua Alteza acaba de ter a prova de que nem tôdas as princesas são orgulhosas e egoistas.

Príncipe — Como eu me enganara! Mas também nunca imaginei encontrar uma Princesa numa choupana.

Marta — Mas, lembre-se de que é uma "Choupana Mágica" e à custa de Joana.

Príncipe — E Joana será a minha noiva!

Joana — Se for de sua vontade.

(*O príncipe inclina-se diante dela e lhe beija a mão*).

Príncipe — Seria impossível eu encontrar uma noiva mais bondosa.

Marta (*rindo e servindo-se de mais uma bolacha*).

E que lizesse gulodices mais gostosas!

Cai o pano

Nota — Para a representação dêste número é preciso que todos falem com muita naturalidade.

Sugestão — Podem as crianças fazer esta representação, depois de muito bem ensaiadas por uma pessoa mais velha (a mãe, ou a professora, ou uma irmã) convidando bastante gente e cobrando $200 ou $500 de entrada. Com o dinheiro poderão renovar suas assinaturas do Bem-te-vi ou tomar novas para as que aínda não têm. Assim receberão sempre a visita do Bem-te-vi, levando-lhe novas poesias, cantos, histórias e representações.

★ ★ ★

ATENÇÃO Com êste número começamos a publicação da interessante história: O Maravilhoso Mágico de Oz e a criançada vai gostar e rir muito.

Teremos prazer em publicar os nomes de nossos amiguinhos altruistas que queiram alegrar alguma criança, tomando-lhe uma assinatura do Bem-te-vi. Custa apenas 10$000 e o Bem-te-vi irá cantando alegrar mais uma casa. Pensem bem e me escrevam logo, quanto antes, enviando com clareza o nome e o enderêço de seu amiguinho.

Publicaremos por igual modo o nome daqueles que conseguirem arranjar no mínimo 5 novas assinaturas.

Já pensaram vocês em como o Bem-te-vi fica alegre quando lhe dizemos que recebeu dinheiro para nova viagem? Êle gosta imensamente de voar, voar. Agora êle ja completou dezesete anos e suas azas estão bastante fortes e resistentes. E' por isso que se sente bem ao saber que está sendo esperado em nova casa, pois não quer saber de ficar parado.

Quantos irão ver seus nomes publicados no próximo número?

★ O COPO DOURADO ★

Na prateleira poeirenta dum belchior encontraram-se, certo dia, um copo dourado e um copo de barro, já trincado.

— Que humilhação eu ter de ficar neste lugar! Eu, que já andei pelas mesas dum milionário e tive a honra de ser levado aos lábios dum príncipe real! lamentava-se, o copo dourado.

— Não há dúvida, mas o líquido que o príncipe bebeu, era o mesmo que eu continha, retrucou o copo de barro.

— Mas o meu veiu duma casa afamada.

— Nem por isso deixaste de trazer o mesmo alcool, já tão conhecido do mundo. E alcool envenena um príncipe da mesma forma que envenena um operário.

— Envenena? perguntou o primeiro, encolhendo os ombros. Meu pessoal era de damas e cavalheiros.

— Sim, mas as damas e os cavalheiros têm estômago, fígado e coração que podem ser sobrecarregados, sem diferença alguma de outras pessoas, não têm?

— Isso é, mas não bebem em excesso.

— Uma gota é a porta aberta ao excesso, replicou o copo de barro. E, além disso já ouví falar de pessoas da alta sociedade que ficaram tão embriagadas como as de minha classe.

O copo dourado resmungou:

— Dize-me, quem és? Um abstinente? Vejo que teus modos não são próprios dum humilde copo de cerveja.

O copo de barro meditou e respondeu pausadamente:

— Talvez seja. Eis a razão: — Tenho presenciado cenas trágicas... Coisas inacreditáveis. Uma prova é êste trinco que tenho em mim e que tanto me enfeia. Foi quando um bêbado, louco, bateu-me na cabeça de seu irmão, arrancando-lhe um olho.

O outro copo que ouvira com atenção, respondeu:

— Bem, vejo que tens razão. Já não censuro tua atitude. Eu mesmo tenho visto muita coisa triste! Tu me abriste os olhos. Compreendo como temos sido instrumentos de desgraça. Já não mais desejo sair daquí. Tomara que ninguém me compre, pois, ficando aquí pelo menos não contribuo para a ruína e desgraça dos outros.

★ ★ ★

Enigma Bíblico

Combinem-se as sílabas abaixo, de modo a formar parte dum versinho do 1.º capítulo de Josué.

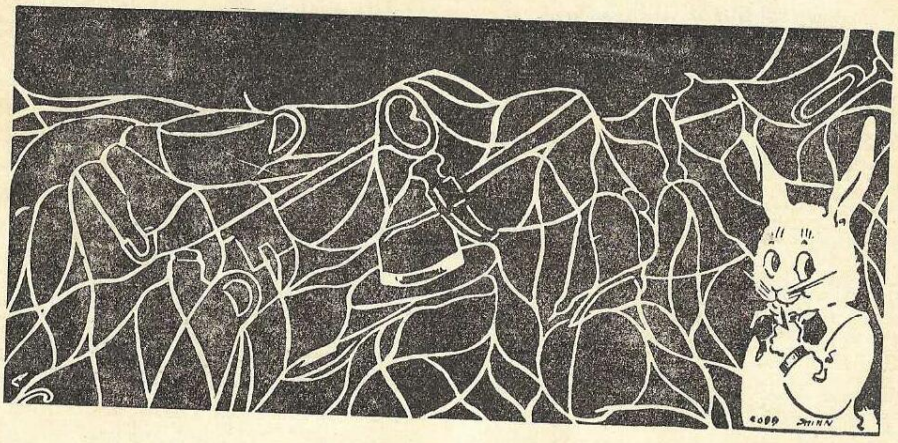
co	e	te	Sê	jo	for	ra	so

SOLUÇÃO

co	e	te	Se	jo	for	ra	so
2	6	8	1	4	7	3	5

Sê corajoso e forte.

BRINQUEDOS E JOGOS



Apresentamos aos bem-te-vistas uma curiosa figura. Vamos ver se vocês enxergam bem. Descubram quantas coisas podemos encontrar aquí. Para facilitar, vão riscando as linhas desnecessárias.

Então, quantas acharam ?

★ ★ ★

PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

BALAS DE MELADO N.º 1

1 litro de melado.
1/2 colher de chá de bicarbonato.
Manteiga.

Cozinhe o melado em fogo brando, mexendo de quando em quando, até que fique em ponto de bala. Tire do fôgo e bata com o bicarbonato. Despeje em pratos untados com manteiga para esfriar. À medida que esfria, dobre a beirada para o centro, para evitar que endureça antes de esfriar no centro. Quando a quentura fôr suportável, passe um pouco de manteiga nas mãos e puxe a bala até ficar clara e firme. Depois ponha em forma de cordão e córte com tesoura em pedaços de 2 cms.

Esta bala leva muito tempo para cozinhar, mas vale a pena. Eis outra receita mais moderna:

BALA DE MELADO, N.º 2

1 litro de melado.
2 chícaras de açúcar.
4 colheres de mesa de manteiga.
2 colheres de mesa de vinagre.
Baunilha ou essência de hortelã, si quiser.

Cozinhe o melado, açúcar, manteiga e vinagre até o ponto de bala, mexendo de quando em quando. Despeje em mármore untado para esfriar. À medida que esfria dobre a beirada para o centro. Quando puder pegar tudo, passe manteiga nas mãos e puxe a bala até ficar firme e clara. Então faça em cordões e córte com tesoura em pedaços de 2 cms. Querendo usar a essência, ponha antes de começar a puxar.

CREME DE MELADO

2 ch. de açúcar.
1/2 col. de chá de cremor de tártaro.
1 ch. de água.
2 col. de mesa de vinagre.
1 " " " " manteiga
1 " " " " baunilha.

Leve ao fogo o açúcar, cremor de tártaro, água, vinagre e manteiga até o ponto de bala. Despeje no mármore untado para esfriar. À medida que esfria, dobre a beirada para o centro. Quando puder pegar, ponha a baunilha. Unte as mãos e puxe a bala até ficar branca e lustrosa. Córte em pedaços do tamanho que desejar. Esta bala é melhor um dia depois de feita.

Quem é que sabe?

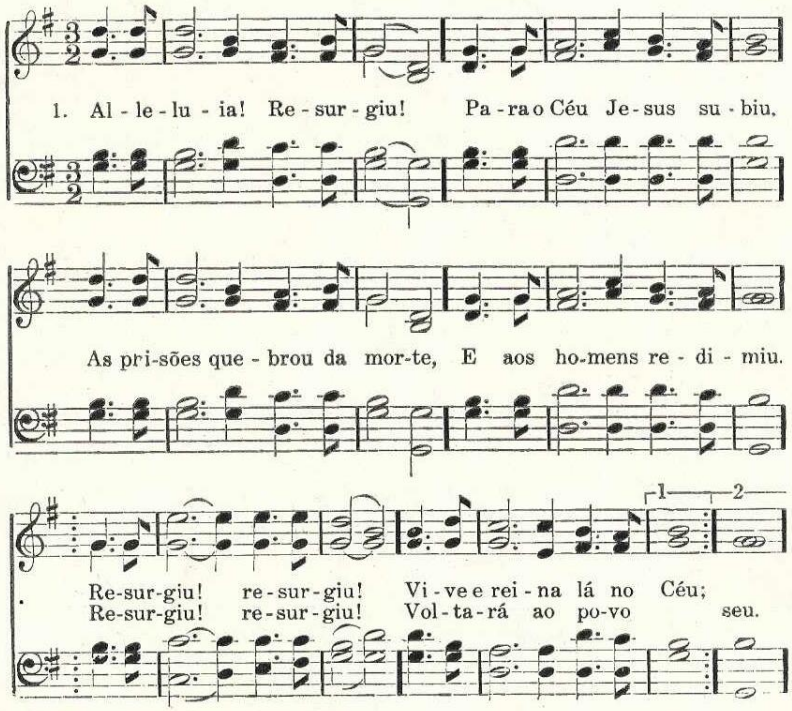
1) Completar : *Crê no Senhor Jesus Cristo e serás...*
2) Que utensílio de ferreiro encontramos no nosso ouvido ?
3) Que temos no ouvido e que é usado pelos cavaleiros ?
4) Qual é a parte de nosso corpo que, se lhe trocarmos a última letra, fica sendo o que se gruda nos vidros e garrafas.
5) Qual é a cidade cujos efeitos todos temem ?
6) Quais os estados do Brasil que têm por capital, cidades com nomes de pessoas ?
7) Qual o país da América que tem o privilégio de ser banhado por três oceanos ?
8) Por que um gato ao entrar numa sala olha primeiro dum lado e depois de outro ?
9) Que é panturrilha ?
10) A aranha é inseto ?
11) Qual é o antônimo de dextra ?
12) Citar um instrumento musical que também é nome de gente.
13) Qual é o singular de réis.
14) Dar um sinônimo de orelha ao ouvido externo.
15) Qual foi o discípulo de Jesus que cortou uma orelha dum dos soldados que foram prender o Mestre ?

Respostas às perguntas de fevereiro :

1) *derrama em abundância coisas más.*
2) Franklin. Seu pai era fabricante de sabão.
3) Adriano V.
4) Era padeiro.
5) Bernardo Palissy.
6) Nunca.
7) "Vejo com satisfação que há leis e juizes retos no meu reino".
8) Um mapa, mostrando a posição ocupada no céu pelos astros mais notáveis.
9) Sapo.
10) Batráquios.
11) Barcas.
12) Os bons livros.
13) Ainda não sei.
14) Queijo.
15) Nabucodonozor, rei da Babilônia.

Ressurreição

P. P. Bliss



2 Aleluia ressurgiu!
Para o nosso chefe ser,
E morrendo, conseguiu
Por nós sempre interceder.
Ressurgiu! ressurgiu!
Para nos justificar;
Ressurgiu! ressurgiu!
Para à glória nos levar.

3 Aleluia! ressurgiu!
O castigo nos tirou;
Vida nova para os crentes,
A quem ele tanto amou.
Ressurgiu! ressurgiu!
Vive e breve voltará;
Ressurgiu! ressurgiu!
E consigo nos terá.

M. A. Menezes.